

Negligência: A ruína dos pilares que sustentam a Educação.

Autores

Sergio de Oliveira Santos
Nilce m a s Arruda Campos
Luiz a c Nabuco Lastoria

1. Introdução

Negligência é sinônimo de descuido, desleixo, desatenção, menosprezo, incúria. Características indelévels de uma cultura narcísea onde o sujeito, soterrado pelas exigências de um sistema econômico desmedidamente bárbaro, tem o “seu” desejo formatado, o que o torna inábil para expressar os seus conflitos e anseios segundo um determinado vocabulário criativo e emancipador que lhe poderia proporcionar um mínimo de dignidade para reconhecer-se e reconhecer ao outro como sujeito. Neste panorama, há um empobrecimento das experiências formativas e comunicáveis, ficando o ser humano desamparado e a mercê da técnica e dos meios de comunicação, dando margem a um universo de idéias que o sobrepõe, assim como preconiza de T. Adorno na obra “Indústria Cultural: o esclarecimento como mistificação das massas”.

Ergue-se o não-homem que se inverte no contrário de homem: em vez de ser proprietário das coisas, estas que o têm como propriedade; em vez de fazer uso das coisas, estas é que o usam. O homem torna-se ferramenta, produto e consumidor passivo do sistema – a sociedade é cúmplice daquilo que a destrói.

Nietzsche denomina tal homem como o “último homem”, e sobre ele diz:

“O último homem simboliza a modernidade, que considera a si mesma o ponto mais avançado do desenvolvimento histórico da humanidade, acreditando que a finalidade dessa história consistia precisamente na chegada do moderno. Orgulhoso de sua cultura e formação, que o elevaria acima de todo o passado, o último homem crê na onipotência de seu saber e de seu agir. [...] O bem supremo almejado pelo último homem - sua concepção de felicidade – é uma combinação de mediocridade, conforto, bem-estar, ausência de sofrimento e grandeza”. (GIACOIA JUNIOR, W. Nietzsche. 2000 p.56)

Desse modo, o homem contemporâneo age para garantir o mínimo para sua própria sobrevivência, não no que se refere ao que é indispensável para garantir sua subsistência, mas a aquisição, o consumo espontâneo de produtos standardizados e massificados destinados a ele, que lhe garantem certo status e poder. A capacidade de abstração para questionar o real aparente (empírico) é praticamente nula e este se torna verdade absoluta e fio condutor de ações.

A humanidade, produzida histórica e coletivamente pelo conjunto dos homens, diz respeito ao conjunto de instrumentos (objetos, idéias, conhecimento, tecnologia etc) com os quais os homens se relacionam com a natureza e com os outros homens para promover a sobrevivência. A forma histórica de produzir a humanidade

chama-se trabalho, portanto a centralidade do trabalho nas relações sociais diz respeito também à educação. (PIRES, M. 1997)

O trabalho outrora preconizado por Karl Marx como uma forma de emancipação do sujeito, junto aos ideais do neoliberalismo, tornou-se uma prática alienada, onde a lógica da produção desmedida (em conseqüência também o consumo) priva o homem de sua humanidade e/ou no mínimo empobrece cada vez mais sua cultura. O homem diante das relações de trabalho alienadas, da expropriação de sua força de trabalho, da minimização de sua capacidade reflexiva outorga cada vez mais poder aos que o dominam e concede cada vez menos (dignidade) aos que dependem e/ou são influenciados por ele. Assim, o espaço escolar, que deveria estar destinado a um dos momentos de maior importância no processo formativo do sujeito, a escolarização, sucumbe aos ardis do capitalismo e a seus tentáculos - a Indústria Cultural e a Semicultura - que sufocam as redes de relações interpessoais que haveriam de proporcionar uma educação de qualidade (crítico-formativa) às crianças que lá estudam, possibilitando a elas, dessa forma, o desenvolvimento de suas potencialidades humanas e uma inserção social historicamente embasada.

2. Objetivos

O presente artigo tem o escopo de demonstrar como posturas administrativas influenciam no ofício do professor e conseqüentemente na qualidade do ensino.

3. Desenvolvimento

O presente trabalho é fomentado pelos resultados obtidos através de uma atuação teórico/prática junto ao estágio “integrado” (Psicologia Educacional e Social) oferecido aos alunos do quinto ano em Psicologia da Unimep -, que tem como cerne de sua ocupação o projeto “Ação psicológica na comunidade: a questão do fracasso escolar” desenvolvido desde 2001 na forma de assessoria a uma escola municipal de ensino fundamental (EMEF) localizada na região periférica da cidade de Piracicaba. Seus propósitos são: discutir os valores éticos/políticos das intervenções psicológicas na área da educação, discutir a produção do Fracasso Escolar, a forma como se apresenta e intervenções que visem seu equacionamento.

Uma equipe de estagiários atuou nos diversos segmentos da escola – trabalho com a comunidade, com orientadoras, com professores, direção. Neste trabalho serão apresentados os resultados obtidos através das reuniões com a equipe dirigente (direção e coordenação) e professores (reuniões de HTPC).

As observações de tais eventos ocorreram de forma participativa, onde o estagiário também foi protagonista junto das demais pessoas envolvidas no contexto institucional. Outro importante recurso utilizado foram as conversas informais que ocorreram antes, nos intervalos e ao final das atividades na instituição. Tais informações foram registradas em um diário de campo.

O método utilizado em tal projeto foi o materialista histórico-dialético, que busca encontrar através da reflexão (pensamento, análise, discernimento) os princípios que determinam a maneira organizativa dos homens em sociedade. Seu foco é compreender como o ser humano se relaciona com os outros (pessoas, coisas, trabalho etc.) e como esses fenômenos podem se articular e interferir na ação desse sujeito. Tem-se assim, um método de interpretação da realidade, da concepção de mundo e da práxis vivida por esse sujeito referenciado historicamente. Destarte, foi de fundamental importância a consulta de documentos chamados fontes históricas, estatísticas, informes, estudo das religiões presentes no bairro, arquivos oficiais e privados etc.

Conditio sine qua non da observação participativa é a intervenção. No decorrer do trabalho elas sucederam de duas formas: não-estruturadas (aquelas que aconteciam no calor dos fatos junto às situações inesperadas) e estruturadas (aquelas que ocorriam embasadas em discussões realizadas nas supervisões, previamente elaboradas e muitas das vezes focais, direcionadas a algum dos membros da instituição). Ambas as formas de intervenção continham em seu cerne os objetivos do projeto pedagógico da escola e da teoria que fundamenta o projeto.

4. Resultados

No segundo semestre de 2005 as professoras possuíam basicamente a mesma formação – magistério. Apenas três professoras, como diferencial, cursavam pedagogia. Outro diferencial foi o fato de que apenas duas professoras não eram concursadas.

O semestre foi marcado por ferrenhas indisposições entre professoras e equipe dirigente. Por diversos momentos pôde-se presenciar trocas de insultos entre os presentes. Uma das falas de uma professora explicita um pouco dessas desavenças: “Vocês não têm senso de direção! Vocês não sabem dirigir”.

A administração imprecisa da equipe dirigente tomava grande dimensão a ponto de serem utilizados quatro H.T.P.Cs. para serem tratadas apenas questões acerca da formação arbitrária do conselho de ciclo e a não utilização da verba destinada para compra de materiais e reparos para a escola no biênio 2004/2005.

Os equívocos da equipe dirigente se multiplicavam por não haver delimitação das funções de cada um dos integrantes daquele cenário. Tal falta de delimitação também ocorria junto aos demais espaços de trabalho da escola. Via-se orientadora atuando como professora, segurança determinando horário de saída de alunos etc. A nítida falta de organização da equipe dirigente possibilitava: a inexistência de um controle das faltas dos alunos, professores entregarem as notas dos alunos quando bem quisessem, perda e desaparecimento das chaves da biblioteca e de outras portas, entre outras.

De acordo com as categorias sartreanas, o grupo no momento da *Organização* mobiliza-se para que o objetivo comum entre seus participantes seja atingido. Já na institucionalização surge a necessidade de um líder para que cada membro cumpra sua função. A partir de então, surgem os papéis a serem desempenhados e as relações começam a se verticalizar e a se cristalizar, o que pode levar o grupo à *Burocratização*, momento reservado a práticas inativas - situação resultante de um trabalho alienado, onde o professor não se reconhece em suas objetivações, iniciando um ciclo de deformações que começa consigo próprio, perpassa pela instituição, alunos e culmina na sociedade.

Através da frenética e irrefletida substituição das riquezas do patrimônio cultural por meio semiformação, o homem acaba privado de sua identidade humana. E como o singular materializa o universal na unidade do particular, quando o particular concretiza essa unidade de forma alienada, o universal permanecesse abstrato, falso. Destarte, podemos compreender o distanciamento entre a ação das pessoas envolvidas no contexto escolar e suas funções, que em virtude da adoção de posturas inflexivas e alienadas não possibilitaram a distinção entre o público e o privado e a percepção do outro como parceiro de trabalho em busca da consolidação dos objetivos do projeto pedagógico da instituição.

Muito além de um comprometimento didático/pedagógico dos professores, os dados obtidos no segundo semestre de 2005 apontam uma estruturação administrativa negligente em suas funções e sem condições de garantir um alicerce seguro e confiável para se edificar um estabelecimento de ensino condizente com as necessidades mínimas para se ministrar um ensino de qualidade, melhorar as relações interpessoais (entre professores, alunos, direção, comunidade etc.) e, por conseguinte atingir os objetivos de tal escola.

Sartre expõe que a “morte do grupo” pode ser a possibilidade de novas formas de organização e de relações entre os sujeitos. Foi literalmente isso o que ocorreu no primeiro semestre de 2006, quando por motivos de transferências, demissões e remanejamentos de professoras, coordenação, direção e supervisão o grupo desfez.

Justamente a questão da oscilação de personagens naquele cenário foi um dos maiores problemas enfrentados pela atual administração da escola e que atingiu de forma aguda os pilares administrativo e pedagógico de tal instituição. Diante disso, o principal trabalho da nova administração foi o de repetir continuamente o regimento da escola nos HTPCs e demais espaços propícios para tal intervenção, na tentativa de que esta atitude contribuísse para um comprometimento dos atores juntos à seus papéis, às melhorias do cenário e a obtenção do principal objetivo almejado, qual seja, a erradicação do analfabetismo. Por vezes a diretora chegou a confidenciar querer arrancar dos professores o *juramento* para que o grupo se fortaleça no próximo ano e as mazelas sejam superadas.

O posicionamento da equipe dirigente ocorreu de forma que esta se apresentou como um “terceiro mediador” que tira da inércia e da atuação serial cada componente do grupo, deixando claro que a institucionalização não precisa ser burocrática, e que cada “coisa” tem o seu sentido de ser naquele contexto, e, caso não tenha, há a possibilidade de refutamento desta.

Assim ocorreu com a utilização dos instrumentos de trabalho dos professores (diário de classe, planejamento de aula, semanário, grade curricular) que propiciaram no início do semestre grandes discussões, tendo em vista que os professores achavam que seu uso era dispensável e sua contribuição nula. Suas funções e contribuições foram discutidas e suas utilizações re-significadas e aceitas em prol de um objetivo comum ao grupo.

Sem a intenção de criar a falsa impressão que tudo correu “às mil maravilhas” durante o semestre, é justo destacar que o que se viu foi a ocorrência de diversos embates em torno das alterações “propostas” (novas regras, horários, datas, semanário, plano de ensino, falta de materiais etc.). Porém, o que ficou bem claro, foi que mesmo diante de algumas posições contrárias nas discussões, o grupo dialogou entre si, havendo um reconhecimento do outro e do lugar que ele ocupava. Diante de tal reconhecimento, e por existirem necessidades comuns, o grupo se unificou (fusão da *serialidade*) mesmo que para combater por vezes inimigos externos.

Junto aos participantes daquele contexto, mais ao final do 1º semestre de 2006, pôde-se perceber a realização da unidade do que é e/ou do que deviriam ser seus papéis e suas atuações no cotidiano de suas labutas. Ante de tal constatação, presumi-se que através da *práxis-processo* poderá ocorrer a materialização do universal pelo particular de forma não alienada, o que poderia remeter a uma atuação de “todos” os personagens segundo um mesmo roteiro constituído pelo projeto pedagógico, regimento e necessidades dos alunos daquele cada contexto.

5. Considerações Finais

Diante das novas relações de trabalho impostas pelo modelo neoliberal e de sua racionalidade técnica voltada à educação, conjectura-se que o profissional que atuar no campo da educação, além de preocupar-se com as questões didático/pedagógicas envolvidas em tal contexto, deverá dar grande importância à forma como se administra tal espaço, afinal, a égide da educação é constituída por esses dois pilares, e a ruína de um deles pode comprometer intensamente a produção de humanidade nos homens, quiçá almejada por todo educador.

Referências Bibliográficas

ADORNO, T. W. *A indústria cultural In: COHN, G. (org.) Sociologia, São Paulo, Ática, 1994.*

GIACCOIA JUNIOR, W. **Nietzsche**. 1ª ed. São Paulo: Publifolha, 2000. p. 56.

PIRES, M. F. C. **Education and the historical and dialectical materialism**. Interface — Comunicação, Saúde, Educação, v.1, n.1, 1997.

REBOREDO, L. A. **De Eu e Tu a Nós: o grupo em movimento como espaço de transformação das relações sociais**. 2ª edição. Piracicaba: Ed. Unimep, 1995.